

---

## MARX E ENGEL: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DOS CLÁSSICOS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR

### MARX AND ENGELS: THE IMPORTANCE OF READING THE CLASSICS IN THE EDUCATOR'S FORMATION

### MARX Y ENGELS: LA IMPORTANCIA DE LA LECTURA DE LOS CLÁSICOS EN LA FORMACIÓN DE EDUCADOR

Dalva Helena de Medeiros<sup>1</sup>

Osmar Martins de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto tem como intento discutir a importância da leitura dos clássicos na formação do educador, dentre estes, Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), que são considerados os criadores de uma nova forma de compreensão da sociedade e por extensão da educação – o materialismo histórico-dialético. Eles demonstraram a necessidade do entendimento das relações sociais para discussão da educação e para tal, utilizaram algumas categorias fundamentais, como: totalidade, historicidade, práxis. Assim, a pretensão deste trabalho não é esgotar a temática proposta, mas suscitar e fomentar o debate dessa problemática.

**Palavras-chaves:** Marx e Engels, clássicos, formação, educador.

**Resumen:** Este texto intenta discutir la importancia de la lectura de los clásicos en la formación del educador, dentre ellos, Karl Marx (1818-1883) y Friedrich Engels (1820-1895), que son considerados los creadores de una nueva forma de comprensión de la sociedad y por extensión de la educación – el materialismo histórico dialéctico. Ellos demostraron la necesidad de comprensión de las relaciones sociales para discutir la educación y para tal utilizaron algunas categorías fundamentales, tales como: totalidad, historicidad, praxis. Así pues, la pretensión de este trabajo no es agotar la materia, pero proponer y estimular el debate de esta problemática.

**Palabras claves:** Marx y Engels, clásicos, formación, educador.

**Abstract:** The current work intends to discuss the importance of reading the classics in the educator's formation. Among the classics, Karl Marx (1818-1883) and Friedrich Engels (1820-1895) are regarded as the creators of the historical-dialectical materialism, which is a new way to comprehend society and consequently education. These authors highlighted the necessity to understand social relationships to discuss education and, to do so, they used a few paramount categories like: totality, historicity and praxis. Thus the aim of this paper is not to exhaust the proposed theme, but rather, raise and instigate a debate over the subject.

**Key-words:** Marx and Engels. The Classics. Formation. Educator.

### *Introdução*

No início do século XXI, o discurso e as políticas hegemônicas nos cursos de formação de educadores implementam medidas que desqualificam e desvalorizam a leitura das obras clássicas, particularmente, as de Marx e Engels. Isso pode ser verificado em parte na redução da carga horária das disciplinas que proporcionam uma fundamentação histórica e filosófica da educação e num acréscimo da carga horária das disciplinas de caráter metodológico e prático. Nesta perspectiva, percebe-se um

aligeiramento no processo formativo e uma tendência a buscar versões e resumos dos clássicos, ou seja, busca-se aquilo que é mais fácil e mais rápido, como se fosse um *fast food* do conhecimento.

Neste bojo, as obras de Marx e de Engels sofrem do mesmo descrédito de outras obras clássicas. Estes pensadores procuraram compreender o modo capitalista numa perspectiva transformadora e serviram de base para diversos movimentos revolucionários. “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX; ENGELS, 2007, p. 535). Com o fracasso dessas tentativas revolucionárias no século XX, principalmente a tentativa Russa, os ideólogos do capitalismo, sob o ideário neoliberal, disseminam a idéia do fim da história e da falência completa das idéias de Marx e Engels.

Nesse contexto, é preciso entender a teoria marxista para compreender as apropriações indevidas no século XX e, principalmente, para perceber os interesses materiais das falácias do ideário neoliberal, ao fomentar a morte do pensamento de Marx e de Engels. Nesse sentido, o presente texto deseja desenvolver algumas reflexões sobre a relevância do estudo desses autores, pois entende-se que as categorias elaboradas por eles continuam sendo de extrema relevância para a formação de educadores em qualquer área do conhecimento.

### ***A ideologia dominante e a naturalização das relações sociais***

Marx e Engels, no livro *Ideologia Alemã*, ao se referirem sobre o domínio da classe dominante em cada época histórica, sinalizam para o fato de que esse domínio não se dá apenas no campo material, mas também no campo da consciência, das idéias, ou seja, no campo ideológico.

Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também a consciência e, por isso [...] eles dominam também como pensadores, como produtores de idéias que regulam a produção e a distribuição de idéias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas idéias são as idéias dominantes da época (MARX; ENGELS, 2007, p.47).

Assim, ao discutir o processo formativo em qualquer período da história é importante compreender como a sociedade está organizada materialmente, ou seja, identificar o modo de produção que está determinando as relações sociais entre os homens. Sabe-se que vivemos numa sociedade dividida em classes sociais e sob o modo de produção capitalista, que privilegia os setores de sociedade que detém o grande capital em suas mãos. Sendo assim, a educação, como um dos instrumentos de propagação da ideologia dominante, tende a reproduzir os interesses dessa classe e internalizar nas demais os seus valores, formando uma consciência limitada.

Para Mészáros: “uma das funções principais da educação formal na sociedade capitalista é produzir conformidade ou consenso quanto for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados” (MÉSZÁROS, 2007, p. 45). Por isso, esperar desse modelo de sociedade qualquer medida no sentido de uma formação que proporcione uma educação para a

emancipação humana e que contemple o rompimento com a naturalização de suas relações sociais, seria esperar muito e parece não ser essa a sua intencionalidade.

Nessa perspectiva de entendimento, é essencial contextualizar a educação na sociedade burguesa como parte integrante de sua superestrutura ideológica. Nesse modelo de sociedade, “o capital é a potência econômica que domina tudo. Deve constituir o ponto inicial e o ponto final” (MARX, 2008, p. 265). Portanto, em linhas gerais, a educação não fica à margem desse processo e por vezes atua de forma decisiva na reprodução do ideário desta sociedade.

Destarte, a educação contribui com a reprodução dessa sociedade de classe, de modo a privilegiar os interesses das classes dominantes e inculcar na classe dominada uma consciência alienada da realidade. Sobre isso, alertaram Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista: “O que demonstra a história das idéias senão que a produção intelectual se transforma com a produção material? As idéias dominantes de uma época sempre foram apenas às idéias da classe dominante” (MARX; ENGELS, 1998, p. 58).

Dessa forma, a concepção de educação dominante, que está referendada no ideário neoliberal postula que o homem deve se adaptar à lógica da sociedade capitalista. Segundo Domingues (2003), essa educação neoliberal está pautada na lógica da positivação e, portanto, procura desenvolver nos homens as capacidades requeridas pelas necessidades do mercado para contribuir com a manutenção da ordem vigente. A esse respeito escreve Frigotto (2000, p.145):

Por esta trilha podemos perceber que tanto a integração econômica quanto a valorização da educação básica geral para formar trabalhadores com capacidade de abstração, polivalentes, flexíveis e criativos ficam subordinadas à lógica do mercado, do capital e, portanto, da diferenciação, segmentação e exclusão.

Na lógica do mercado, o que predomina é a lógica da exclusão e da concorrência, daí a necessidade de se questionar os fundamentos desse modelo de sociedade e vislumbrar uma alternativa. Frigotto (2001, p.13), refletindo sobre essa questão, pondera:

O rumo que assume a história deste fim de século, no plano ético-político, é de afirmação do ideário neoliberal e, portanto, da “nova era do mercado” como a única via possível da sociabilidade humana. A crise ou colapso do socialismo real serve de falso argumento para afirmar teses conservadoras que legitimam a exclusão. Reafirma-se a ética utilitarista e individualista do liberalismo conservador. Justifica-se a exclusão e a desigualdade como elementos necessários à competitividade. Busca-se firmar uma consciência alienada de que os vencedores ou incluídos devem-no a seu esforço e competência. Os excluídos, os derrotados ou os miseráveis do mundo pagam o preço de sua incompetência ou de suas escolhas.

Silva (1995, p.13), em seu texto intitulado *A nova direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia*, alerta-nos que a classe dominante não deseja “[...] apenas uma reestruturação neoliberal das esferas econômica, social e política, mas uma reelaboração e redefinição das próprias formas de representação e significação social”.

Assim, os educadores precisam estar atentos às categorias que justificam o arranjo social capitalista, pois as idéias dominantes de nossa época são de tais formas hegemônicas, que dificultam, segundo Silva (idem), visões alternativas e contrapostas à capitalista.

Popkewitz (1993 apud SILVA, 1995. p.) afirma:

As palavras são parte de sistemas de regras [...] que governam que tipo de fala sobre a educação é possível, quais pessoas devem ser consideradas como sérios interlocutores e como o desejo, o querer e a cognição devem ser construídos.

Em linhas gerais, nascemos num mundo que pensa a economia, a política, a sociedade e a educação de acordo com os pressupostos capitalistas neoliberais; e os cursos de formação de educadores devem propiciar a compreensão do mundo capitalista/liberal como não natural e sim histórico. É preciso (des) naturalizar essa compreensão de mundo dominante e historicizá-la, e para tal o pensamento de Marx e de Engels continua a oferecer contribuições significativas.

### ***As contribuições de Marx e Engels para compreender a sociedade e a educação***

Marx e Engels foram os criadores de uma nova forma de compreensão da sociedade – o Materialismo-Histórico Dialético, que permitiu superar tanto o idealismo como o materialismo do seu tempo. Essa nova forma de abordagem desvelou o caráter limitado e a natureza mistificatória da filosofia e da economia política burguesa. Dessa forma, com o propósito de estudar histórica e cientificamente a sociedade de sua época, procuraram criticar as teorias existentes para então formularem uma nova forma de interpretação da realidade. É nesse sentido que, analisando as teorias dos idealistas, dos metafísicos, dos materialistas ingênuos, representantes do pensamento burguês, eles elaboraram uma explicação radicalmente oposta.

Segundo Netto (2007), Marx contribuiu significativamente para a compreensão da história<sup>3</sup> dos homens já que historicizou as categorias manejadas pelos clássicos, rompendo com a naturalização que as pressupunha como eternas; e pôde fazê-lo porque empregou na sua análise um método novo (o método crítico-dialético, conhecido como materialismo histórico-dialético). Nesse contexto, o conceito de historicidade ganha espaço em sua obra.

Descrevendo esse processo de crítica e ruptura do seu pensamento em relação ao pensamento anterior, do qual ele partiu, Marx relata:

Na primavera de 1845, veio também instalar-se em Bruxelas (Engels), decidimos elaborar em comum nossa oposição contra o que há de ideológico na filosofia alemã; tratava-se, de fato, de acertar as contas com nossa antiga consciência filosófica (MARX, 1987, p. 31).

Nessa perspectiva, deram um novo direcionamento para alguns conceitos manejados pelos pensadores anteriores, ao procurarem utilizá-los para a compreensão do real com vista à modificação das relações sociais. Nesse bojo, o conceito (categoria) de Totalidade tem importância central, pois é considerado por Marx e Engels o pressuposto básico da dialética em que o sentido das coisas não está na consideração de sua individualidade, mas na sua totalidade. Portanto, para a compreensão da realidade concreta em suas manifestações históricas é preciso articular as particularidades com a totalidade concreta.

[...] Para a consciência, pois, o movimento das categorias aparece como o ato de produção efetivo – que recebe infelizmente apenas um impulso do exterior - cujo

resultado é o mundo, e isto é certo (aqui temos de novo uma tautologia) na medida em que a totalidade concreta, como totalidade de pensamentos, como um concreto de pensamentos, é de fato um produto do pensar, do conceber; não é de modo nenhum o produto do conceito que pensa separado e acima da intuição e da representação, e que se engendra a si mesmo, mas da elaboração da intuição e da representação em conceitos. O todo, tal como aparece no cérebro, como um todo de pensamentos, é um produto do cérebro pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, modo que difere do modo artístico, religioso e prático-mental de se apropriar dele (MARX, 1987, p.17).

Com a intensificação da divisão social do trabalho na sociedade capitalista, a capacidade de perceber a relação entre o particular e a totalidade ficou ainda mais comprometida, pois o indivíduo é fixado em uma posição determinada e acaba tendo uma visão parcial e limitada da realidade. Essa compreensão parcelada e fragmentada da realidade contribui para a produção de idéias falsas e para a formação de uma consciência alienada.

Buscar uma compreensão totalitária é fundamental, pois propicia uma formação que procura estabelecer a relação das práticas particulares com a realidade social, da qual esta é pertencente. Assim, justifica-se a necessidade de aprofundar o conhecimento da obra de Marx e Engels e, a partir dela, pensar numa formação/educação que contribua para a percepção da realidade política e econômica e o desvelamento das injustiças sociais que propicie a tomada de decisões.

### ***O educador precisa ser educado***

O ser humano, segundo Marx, é produto e produtor das circunstâncias e da educação. Busca-se, portanto, disseminar esse entendimento para poder gerar outras circunstâncias e outra educação, por isso é necessário educar o educador. O autor esclarece esta questão na Terceira Tese sobre Feurbach (1845) com alterações de Engels (1888):

A doutrina materialista de que os homens são produtos das circunstâncias e da educação, de que os homens modificados são, portanto, produto de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado. Por isso, ela necessariamente chega ao ponto de dividir a sociedade em duas partes, a primeira das quais está colocada acima da sociedade (MARX; ENGELS, 2007, p. 537-538). (grifos nossos)

Os educadores são trabalhadores, proletários, porém muitos não se reconhecem como tal, ou ainda que, reconhecendo-se como trabalhadores, em determinados momentos de luta de classe, não agem no seu cotidiano de modo a defender uma educação que possa contribuir para a emancipação dos demais trabalhadores e filhos (as) de trabalhadores que estudam na escola pública.

Que educação tem recebido os educadores? Quem são esses educadores?

Brito (2007) em seu artigo intitulado *ENADE 2005: Perfil, desempenho e razão da opção dos estudantes pelas Licenciaturas* informa, com base nos dados do Questionário Sócio-econômico do ENADE, sobre o perfil dos participantes dos cursos de licenciaturas: do total de participantes dos cursos de Licenciaturas do ENADE 2005, verifica-se que 63,7% declaram-se solteiros, 57,0% moram com os pais e 67,9%

estudam no período noturno. Em relação à faixa de renda mensal da família, 50,3% têm a renda de 3 a 10 salários mínimos e a maior parte dos estudantes (84,5%) que responderam pelo menos uma das partes da prova, trabalham, sendo que apenas 15,5% declararam que apenas estudam. Dos estudantes desta amostra, 48% concluíram o segundo grau entre os anos 2000-2004 e 38,9% concluíram o segundo grau na década de noventa, sendo que 68,2% o fizeram em escolas públicas. Entre eles, 73,1% estudam, além das aulas, no mínimo uma hora e no máximo cinco horas semanais; 28 % lê de 2 a 5 livros ao ano, excetuando-se os livros escolares; 72,1% lê jornais apenas ocasionalmente e 58,4 % utilizam a TV para se manter atualizado sobre os acontecimentos do mundo contemporâneo.

Os dados indicam que os acadêmicos, em geral, que adentram os cursos de licenciaturas, são oriundos das classes trabalhadoras e/ou são trabalhadores, provenientes em sua grande maioria da escola básica pública, que não tem muitos outros recursos ou espaços para acesso ao conhecimento científico, sistematizado, além da daqueles oferecidos pela instituição formadora.

Os estudantes, em sua maioria mulheres, 52,6%, trazem pré-requisitos superficiais de leitura, escrita, interpretação, matemática básica e conhecimentos gerais e cabe ao curso superior de Formação de Educadores, dentro de um espaço tempo de quatro anos desenvolver capacidades que possam torná-lo um educador competente em sua área de conhecimento e com alguns conhecimentos necessários, na área de fundamentos da educação, momento no qual terão oportunidade de adquirir conhecimentos sobre o desenvolvimento e a aprendizagem humana, didática e políticas educacionais.

A partir dos dados descritos, questiona-se: o currículo a que tiveram acesso os futuros educadores e suas respectivas metodologias de trabalho dá conta de uma formação que conduza a uma *práxis*<sup>4</sup>. A teoria aprendida no ambiente de formação serve como fundamento teórico para a ação docente?

Brito (2007, p.415), analisando o desempenho do ENADE 2005 da parte Formação Geral chegou à seguinte consideração:

Considerando que o objetivo da parte de Formação Geral da prova é avaliar o desenvolvimento de conhecimentos úteis para se atingir objetivos valorizados pela cultura, mas cuja aquisição independe de disciplinas específicas, e que as questões não são de conhecimentos gerais, mas se referem à formação geral (RISTOFF; GIOLO, 2006; LIMANA; BRITO, 2005) e tratam de temas como biodiversidade, ética, leitura de gráficos, artes etc. é importante assinalar para as IES a necessidade de maior atenção à formação geral, pois é extremamente relevante que o futuro professor não seja apenas um transmissor de conhecimentos sobre objetos da ciência, mas sim um profissional competente na formação de bons pensadores, aptos a refletir e compreender o mundo (BRITO, 1996; COELHO, 2006; NÓVOA, 1992; MARTINEZ, 2000; DIAS SOBRINHO, 2005).

Se faz necessária a formação de um profissional que ultrapasse a transmissão de conhecimentos e contribua para a educação de outros profissionais que tenham uma *práxis* transformadora. Vazquez (2007, p. 109) na obra *Filosofia da Práxis*, esclarece:

Com Marx, o problema da *práxis* como atividade humana transformadora da natureza e da sociedade passa para o primeiro plano. A filosofia se torna consciência, fundamento teórico e seu instrumento. A relação entre teoria e *práxis* é para Marx teórica e prática;

prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica, na medida em que esta relação é consciente.

Há, em Marx, uma superação tanto do idealismo quanto do materialismo, pois tanto a teoria como a prática têm importância para a transformação do homem e do meio onde vive. Não há uma relação de submissão entre a primeira e a segunda, há uma relação dialética que possibilita tanto a construção do homem como das circunstâncias.

Segundo Vazquez (2007), havia na Alemanha dois partidos: *Partido Político Prático* que negava a filosofia e afirmava que tudo era prática e o *Partido Político Teórico* que negava a prática e imaginava que a teoria seria capaz de mudar o mundo por si só. Esse debate influenciou os escritos do jovem Marx na década de 40, isso pode ser observado na *Crítica da filosofia do direito de Hegel* na passagem que se segue:

É certo que a arma da crítica não pode substituir a crítica das armas, que o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria converte-se em força material quando penetra nas massas. A teoria é capaz de se apossar das massas ao demonstrar-se *ad hominem*, e demonstra-se *ad hominem* logo que se torna radical. Ser radical é agarrar as coisas pela raiz. Mas, para o homem, a raiz é o próprio homem (MARX, 2005, p. 151).

Explica Vázquez (2007, p.148), que, na época vivida por Marx, o senso comum atribuía aos filósofos Iluministas a transformação da humanidade, cabendo, então, a Marx construir e demonstrar uma compreensão totalmente nova para qual, “[...] os homens não são somente produto das circunstâncias, como estas também, são produtos seus”. Marx não admite uma sociedade dividida em educadores e educandos, daí sua célebre pergunta: quem educa o educador? Todos os homens são sujeitos da história, por isto mesmo educam e devem ser educados, não havendo, portanto uma massa passiva a ser moldada.

Se as circunstâncias que modificam o homem são ao mesmo tempo modificadas por ele, pode-se retomar as idéias defendidas no início deste texto sobre o domínio das idéias da classe dominante que necessita ser revertido por uma nova categoria de se pensar o mundo.

### ***Considerações finais***

Para transformação imperiosa da sociedade é preciso educar o educador, como nos esclarece Marx, mas educá-lo com uma teoria que corresponda aos anseios das massas, da classe trabalhadora.

Faz-se imprescindível retomar a leitura clássica de Marx e Engels para uma fundamentação que contribua para uma ação revolucionária no mundo.

É preciso que esta teoria possa ser discutida ainda na formação inicial de educadores e não somente em cursos de pós-graduação e que possa ser acompanhada da vivência e reflexão sobre a escola básica pública durante todo o curso de licenciatura.

Podem ocorrer na escola um movimento dialético que propicie que ela seja um espaço de transformação, de ruptura, e não apenas de um ciclo que se inicia na escola básica de baixa qualidade, que continua no Ensino Superior de Formação de Professores e que retorna à classe trabalhadora na forma de profissionais mal preparados que reproduzirão novamente o ciclo.

Manacorda (2007) diz que a escola nasce historicamente criada pela classe possuidora, para educar as novas gerações, visto que a classe produtiva recebia sua formação no convívio familiar e no próprio trabalho. A partir da Revolução Industrial a escola passa tornar-se uma perspectiva para toda sociedade.

Os dados apresentados no questionário sócio-econômico do ENADE evidenciam as características marcantes dos estudantes que optam pelas licenciaturas: são oriundos das classes trabalhadoras, eles próprios trabalhadores, tendo que conciliar semanalmente além do estudo uma carga horária de trabalho que varia entre 20 a 40 horas semanais. Esses trabalhadores vão ser os educadores das novas gerações das classes possuidoras e das classes produtoras.

Há uma tarefa urgente: educar os educadores, e com uma educação que possibilite uma leitura da realidade e além dela uma capacidade de atuação para transformação.

Para esta tarefa podemos afirmar que o aprofundamento teórico da nova geração, a leitura dos clássicos marxistas, a compreensão de algumas categorias dessa extensa obra podem colaborar para a formação de um educador mais crítico que atue a favor da emancipação das classes populares.

### **Referências:**

BRITO, Marcia Regina F. de. *ENADE 2005: perfil, desempenho e razão da opção dos estudantes pelas Licenciaturas*. Scielo, Campinas; Sorocaba, SP, v. 12, n. 3, p. 401-443, set. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v12n3/a03v12n3.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica: resultados e metas*. Disponível em: <[ideb.inep.gov.br/site/](http://ideb.inep.gov.br/site/)>. Acesso em 07 jul.2008.

DOMINGUES, Analéia. *A escolaridade em ciclos: análise do desenvolvimento de alunos de 4ª série na área de língua portuguesa*. 2003. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá.

EXAME Nacional de Desempenho dos Estudantes. *Questionário Sócio-Econômico do ENADE 2005*. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/download/enade/2006/QS.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_ (Org.) *Educação e crise do trabalho*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Instituto Paulo Montenegro. *Dados sobre o INAF, Indicador de Alfabetismo Funcional*. Disponível em: [WWW.ipm.org.br](http://WWW.ipm.org.br). Acesso em 07 de jun. 2008.

KOSÍK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MANACORDA, Mario A. *Marx e a Pedagogia Moderna*. Trad. Newton Ramos de Oliveira. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã (I- Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec, 1986.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Tradução de José Carlos Bruni et al. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v. 1. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. O 18 brumário de Luís Bonaparte. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Tradução de José Carlos Bruni et al. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 2. (Coleção Os Pensadores).

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2007.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 30. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

SILVA, Tomaz Tadeu. A nova direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: GENTILI, Pablo A. A.; SILVA, Tomaz Tadeu. (Orgs.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes; EVANGELISTA, Olinda. *Política Educacional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. Tradução de María Encarnación Moya. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.

---

### Notas:

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia, Mestre em Ciências Ambientais, Doutoranda em Educação e Professora do Departamento de Pedagogia da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM). E-mail: [dalva-helena@uol.com.br](mailto:dalva-helena@uol.com.br)

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia, Mestre em Educação, Doutorando em Educação e Professor da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM). E-mail: [msouza.32@gmail.com](mailto:msouza.32@gmail.com)

<sup>3</sup> Não se parte do que os homens dizem, representam ou imaginam, nem tampouco do homem predicado, pensado, representado ou imaginado, para chegar, partindo daqui, ao homem de carne e osso; parte-se do homem que realmente atua e, partindo de seu processo de vida real, se expõe também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos deste processo de vida (...) Tão logo se expõe este processo ativo de vida, a história real deixa de ser uma coleção de fatos mortos, ainda abstratos, como o é para os empiristas, ou uma ação imaginária de sujeitos imagináveis como o é para os idealistas (MARX, 1986, p.37).

<sup>4</sup> A práxis do homem não é atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade. A práxis é ativa, é atividade que se produz historicamente – quer dizer, que se renova continuamente e se constitui praticamente -, unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade. Como a realidade humano-social é criada pela práxis, a história se apresenta como um processo prático no curso do qual o humano se distingue do não-humano: o que é humano e o que não é humano não são já predeterminados; são determinados na história mediante uma diferenciação prática (KOSIK, 1976, p. 202).